

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O globo

Class.: Avá - Canoeiro

Data: 27.10.73

Pg.: 17

Para atrair os índios negros, a tática será "cerco da fome"

BRASÍLIA (O GLOBO) — Na sua missão de atrair e contactar os avá-canoeiros, conhecidos como "índios negros", os sertanistas Apoena Meireles e Israel Praxedes Batista adotaram uma tática diferente: ao invés de usarem tapiris para colocar presentes, deixarão os índios cercados numa pequena faixa de terra para que eles, ao se sentirem sem alimentos, procurem os brancos da expedição pacificadora.

Na manhã de ontem, Apoena deixou Brasília de táxi, rumo a Goiânia. Estava com roupa própria para a selva, calçava botas e carregava mochila e cantil. Ao chegar a Goiânia, à tarde, trocou o táxi por um jipe, que o levará até bem perto da região do rio Formoso, afluente do Araguaia, onde vive um grupo avá-canoeiro.

Apoena tem como quase certo que em dois meses estabelecerá o primeiro contato com os "índios negros". Dentro de poucos dias os rios da região começarão a encher, o que deixará o grupo indígena encurralado numa estreita faixa de terra.

A outra equipe da Funai, chefiada pelo sertanista Praxedes, já está a caminho da região do rio Cavalcanti, de mais difícil acesso, onde tentará atrair o outro grupo de avá-canoeiro.

Os dois sertanistas decidiram, de comum acordo, usar a estratégia nova — uma espécie de "cerco da fome" — para atrair os "índios negros", que até hoje evitaram qualquer contato com os brancos.

Apoena e Praxedes farão com que os avá-canoeiros sigam trilhas predeterminadas e

fiquem isolados num pequeno pedaço de terra, do qual se vejam forçados a sair, quando a fome apertar, para pedir alimentos aos brancos.

Vilas Boas

A Funai desmentou ontem que seu piloto tivesse abandonado Cláudio Vilas Boas, ao invés de procurá-lo na mata. O avião saiu de Brasília dia 22, com a missão única de sobrevoar, quantas vezes fosse preciso, a selva, até encontrar o sertanista. E ele fez exatamente o que foi determinado.

A presidência da Funai acredita que os fazendeiros encontraram o trabalhador que se havia perdido — e que Cláudio procurava — e não se importaram com o sertanista, tal-

vez acreditando que sua experiência o salvaria.

Cláudio Vilas Boas saiu do posto indígena Jauru no dia 10, com provisões para quatro dias. Dia 22, o sertanista Sidney Possuelo passou um radiograma à Funai dizendo estar preocupado com Cláudio e pedindo ajuda. Imediatamente saiu o avião, pilotado pelo comandante Saul, da Funai, que é amigo pessoal dos Vilas Boas.

A Funai pediu que tanto Sidney Possuelo como o piloto façam relatórios sobre suas atuações no caso, para averiguar se houve alguma coisa errada. Os relatórios verbais já feitos por ambos asseguraram que houve empenho em resgatar o sertanista, que voltou sozinho ao posto Jauru, bastante abatido.

Fotos do cemitério

GOIANIA (O GLOBO) — As primeiras fotos de um cemitério carajá, obtidas na Ilha do Bananal pelo sertanista Acary de Passos Oliveira, estão em exposição no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, do qual Acary é diretor.

Ela contou que o sepultamento dos Carajás é feito em duas etapas: primeiro o corpo é enterrado e, mais tarde, os ossos são trasladados para um terreno bem escondido, na floresta, para evitar o acesso de pessoas estranhas. Os ossos são guardados em grandes urnas de barro, em forma de panela.

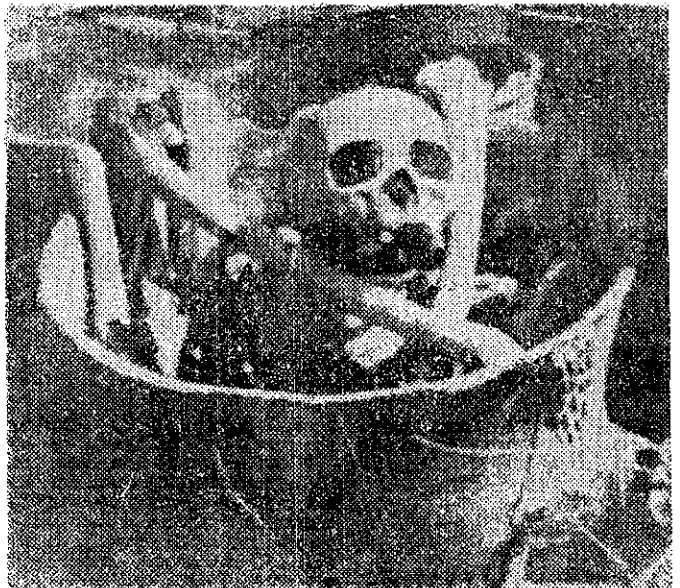
Acary conta como conseguiu fotografar o cemitério proibido:

— Consegui a amizade e a confiança de um capitão dos Carajás, que me levou ao local sagrado e me deixou ti-

rar fotografias. Mas, não trai sua confiança, porque prometeu jamais voltar ao local ou ensinar a alguém o caminho para chegar até lá.

As fotografias foram tiradas em setembro, mas só agora ficaram prontas. O diretor do Museu disse que elas são inéditas em arqueologia. Os índios consideram profanação até mesmo tocar numa urna mortuária.

Na exposição, as fotos mostram, acompanhadas de explicações, os dois tipos de enterro: o primário e o secundário. No primário o corpo é envolvido numa esteira e coberto com paus paralelos, para não ser profanado por animais. No secundário, os ossos, depois de exumados, são colocados na urna de barro e levados para o cemitério definitivo.



A primeira foto do cemitério dos índios carajás

Reserva Xavante está isolada

BRASÍLIA (O GLOBO) — Sem meios de comunicação, a Funai não sabe até que ponto evoluíram os conflitos entre índios e posseiros na reserva Xavante de Sangradouro, onde, segundo uma versão não confirmada, três índios teriam morrido em luta, antontem.

O único rádio-transmissor existente na reserva está sem condições de operar: não se sabe se o defeito é acidental

ou se foi provocado pelos posseiros, com a intenção de deixar isolados os funcionários da Funai que têm a missão de evitar novos conflitos.

O delegado substituto da Funai, Sérgio Fernandes, que está na reserva, não mandou nenhum comunicado desde antontem. Técnicos da Funai temem que a situação tenha se agravado e que os trabalhos de demarcação da reserva estejam paralisados novamente.

O cacique Aribuena, que está há vários dias em Brasília tentando uma solução para o problema da demarcação de terras em outra reserva Xavante — a de São Marcos — estava ontem aborrecido e muito preocupado com o que poderia ter acontecido aos índios da reserva de Sangradouro.

Sua irritação acentou-se quando ele soube que o grupo

de trabalho encarregado de ir a São Marcos para um exame da situação adiou sua viagem para hoje, em consequência das chuvas.

Aribuena chegou à Funai dizendo que estava pronto para viajar. Ao saber do adiamento, demonstrou logo sua irritação, mas, ante as explicações dos funcionários da Funai sobre o mau tempo, acabou concordando em viajar hoje.